

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE  
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS  
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO  
PROFESSOR NOTA 10

ARLENE BARBOSA DE OLIVEIRA

## **O RESGATE DO PRAZER DA LEITURA**

Brasília, 2006.

ARLENE BARBOSA DE OLIVEIRA

## O RESGATE DO PRAZER DA LEITURA

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília – UniCEUB  
como parte das exigências para a  
conclusão do Curso de Pedagogia –  
Formação de Professores para as Séries  
Iniciais do Ensino Fundamental –  
Projeto Professor Nota 10

Orientador: Antônio Cezar

Brasília, 2006.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao meu orientador Antônio Cezar que me conduziu ao mundo da literatura de forma envolvente e prazerosa, fazendo-me alcançar os umbrais de uma literatura agradável e envolvente. Também dedico ao meu companheiro Laurênio e ao meu filho Eduardo, que com paciência e amor toleraram meus devaneios e escutaram minhas histórias.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço por todas as palavras de incentivo e todo apoio (moral e logístico) dos meus grandes amigos Itamiran, Lusmarina, Elaine, Paulo, Judith e Diana; aos meus colegas de trabalho que me iluminaram com suas idéias e sugestões e aos meus alunos que com alegria e amor me ensinam a ser uma professora cada dia melhor.

## **EPÍGRAFE**

“O texto deverá ser apresentado antes de tudo como uma alternativa para inspirar e insuflar o espírito, como um afago ao coração, um alento aos sentidos, pois o que é apreendido por estas vias não se perderá jamais’. (BUSATTO, 2003)”.

## RESUMO

Este trabalho é a síntese de uma pesquisa realizada com estudantes de uma 4ª série do Ensino Fundamental, que tem por objetivo despertar nesses estudantes o prazer pelo texto infanto-juvenil, por meio da audição e do contato com vários gêneros textuais, favorecendo o senso criativo, a ampliação do conhecimento lingüístico e a elaboração de uma escrita cada vez mais ortográfica. Para tanto realizou-se um questionário com questões abertas e subjetivas, onde os alunos puderam expor suas opiniões em relação às leituras que apreciam sobre o que acham do ato de ler, onde são guardados os livros em sua casa, os livros que leram e os autores estudados até o momento, o que fariam se não soubessem ler. As respostas foram estimuladoras, pois foi possível perceber que, apesar de se afastarem do texto na escola, os estudantes mantêm o contato com o texto em casa, nas suas mais diversas formas. Isso fez o estudo tomar outro rumo, mudando o tipo de leitura apresentada em sala e a abordagem do trabalho com ele. Foram levados à sala de aula histórias, partindo dos seus gostos expressos no questionário e outros que retratavam temas trabalhados, mas lidos sem o intuito de serem estudados ou aprofundados com atividades de gramática, sequer com fichas literárias ou outras atividades pedagógicas. Essa estratégia rendeu uma aproximação dos textos por parte dos alunos com menos receio ou repulsa, mas com mais prazer e alegria. À medida que as atividades foram desenvolvidas eles ficavam mais contentes com o momento da história e com a aula de produção de textos. Dessa forma foi possível passear pelo mundo da “Bisa Bia, Bisa Bel”, pelo delírio da “Droga da Obediência”, pelos mistérios de “O Gênio do Crime”, pelos medos da “Chapeuzinho Amarelo”, pela beleza da “Menina Bonita do Laço de Fita”, pelo mundo encantado da “Fada que tinha Idéias”, entre outras. As histórias foram narradas, encenadas, contadas, vividas pelos alunos, para que registrassem na memória (e no coração) suas impressões, desejos, anseios e necessidades que foram minimizados ou motivados a partir delas. Houve mais interesse pelo livro e por seu conteúdo e os alunos fizeram mais empréstimos na Biblioteca ou traziam o que gostavam de casa para ler no tempo livre. As atividades foram proveitosas, pois todos saíram dessas experiências mais motivados para ir mais e além.

Palavras-chave: **leitura, prazer e leitor.**

## SUMARIO

Introdução.....	07
2. Referencial Teórico.....	10
2.1. O acalanto da voz materna: do prazer de ouvir ao prazer de ler.....	10
2.2. A universalização da leitura por meio dos contos e demais gêneros textuais.....	14
2.3. Da liberdade do autor à opressão da editora: fator comercial do livro literário.....	18
2.4. Falta de políticas públicas contínuas que favoreçam a divulgação e acesso ao livro literário.....	22
3. Orientações metodológicas.....	25
4. Organização, análise e discussão dos dados.....	28
5. Considerações finais.....	29
6. Referências bibliográficas.....	30

## 1. INTRODUÇÃO

O tema abordado nesse trabalho é “O resgate do prazer da leitura”, que foi desenvolvido na turma de 4ª série do Ensino Fundamental na Escola Classe 44 de Ceilândia. Essa escola apresenta uma característica peculiar por ser uma ‘Escola Inclusiva’. O seu principal atendimento é aos alunos Portadores de Necessidades Educacionais Especiais, no que tange o trabalho com os deficientes físicos, especificamente. Em quase todas as turmas se encontra um aluno (ou dois) com algum tipo de comprometimento físico, que faz com que o atendimento seja diferenciado e particularizado com redução da turma, de acordo com a sua dificuldade.

Apesar das limitações motoras (e por vezes intelectuais) que alguns alunos apresentam é característica da escola, desde que os alunos entram nela, em serem continuamente incentivados a ler e ter contato com diversos tipos de textos. Embora esse tenha sido um trabalho constante da escola, percebe-se que os alunos que chegam à 4ª série não manifestam nenhum (ou pouco) desejo em ler algo.

Os professores ficam frustrados e tentam justificar sua ineficácia no colega da série anterior, que não fez um trabalho condigno; na escola, que não adquire bons livros de literatura e não desenvolve projetos para que as salas de leitura sejam uma realidade; nas editoras que apresentam um material de baixa qualidade ou quando mostram o que tem de melhor, os preços não favorecem sua aquisição ao aluno de baixa renda ou à escola com poucos recursos. Na maioria das vezes esses professores não percebem que, juntamente com todos esses fatores, são eles os agentes inibidores da fantasia e da ampliação da visão de mundo que a literatura apresenta ao jovem, desdobrando-se em atividades gramaticais ou de cunho pedagógico, que não são significativas ao neófito que está sendo iniciado no mundo das letras.

O professor julga que o bom livro é aquele que lhe serve como fonte para o trabalho com gramática ou com outras matérias como história, geografia, artes e se esquece que foi motivado a chegar-se ao mundo da literatura por meio do encanto dos contos de fadas, das histórias fantásticas, dos mitos e contos populares que sua



mãe (ou um adulto próximo) soube apresentá-lo com tal maestria e amor que o fez apaixonar-se pelas mil e uma noites, pelas figuras misteriosas do folclore, pelo divertimento dos causos e anedotas de quem viu e ouviu muita coisa.

É papel da escola na figura do professor resgatar no aluno o gosto que ele tinha em ouvir histórias, pois, se as crianças na fase mais infantil desejam escutar suas mães (ou pais) contarem histórias ou se deleitando com o mundo maravilhoso dos contos, porque essa disposição é perdida ao passar dos anos, se, na verdade, ela deveria ser acentuada e ampliada? Por que os alunos, apesar dos incentivos que a escola e o professor oferecem, à medida que crescem, perdem o encanto pela leitura e pelo livro? Qual é o papel (e a responsabilidade) da editora e do escritor pela disseminação de textos de origem duvidosa ou que apenas respondam à necessidade de comercialização desse material? Por que as políticas públicas, muitas vezes, se tornam ineficazes, dando pouca importância e incentivos financeiros à educação e a projetos que afastariam os altos índices de analfabetismo, de repetência e de evasão escolar, colocando o Brasil numa posição mais confortável e respeitosa diante dos países menos desenvolvidos e dos vizinhos latino-americanos? Por que a leitura não favorece no estudante a ampliação e desmistificação do seu mundo, tornando-o mais eficiente em suas opiniões e interações junto à sociedade?

Diante de toda essa problemática é que este estudo pretende desenvolver no estudante o prazer pelo texto infanto-juvenil, por meio da audição e do contato com vários gêneros textuais, favorecendo o senso criativo, a ampliação do conhecimento lingüístico e a elaboração de uma escrita cada vez mais ortográfica.

Dessa forma foram desenvolvidas atividades para a percepção de um texto divertido por parte dos alunos que favoreçam o riso e a expressão de alegria e prazer; desenvolvimento da linguagem oral por meio de apresentações, encenações ou leitura de textos em classe e em momentos especiais favorecidos pelo projeto político-pedagógico da escola ou pelo simples prazer de divertir-se com o texto ou com as suas possíveis reconstruções; avaliação do acervo disponível na escola e no mercado, não se deixando seduzir apenas pelos encantos da mídia, mas tornando-se crítico da produção alheia quer seja no campo visual, sonoro ou literal; ouvindo textos de interesse dos alunos e boas obras literárias através de um trabalho

prazeroso e descomprometido com a aprendizagem sistematizada e pedagógica; brincando com o livro e tornando-o um material acessível e lúdico.

Assim pretende-se retomar o prazer pela leitura de onde ele foi perdido por meio de um texto alegre e divertido e, dessa forma, incentivar eficazmente o estudante, trazendo-o de volta ao mundo encantado e encantador do texto.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. O ACALANTO DA VOZ MATERNA: DO PRAZER DE OUVIR AO PRAZER DE LER**

É verdade que ainda no berço a criança entra em contato com as primeiras formas literárias, que lhe chegam através das canções de ninar(...) Em seqüência o bebê é estimulado a partir de brincadeiras envolvendo parlendas, trava-línguas, adivinhas e canções de roda. Paralelamente, escuta as primeiras narrativas de ficção, historinhas sobre animais, brinquedos e contos de fadas. (Revista do professor, 1994 p.7)

É por meio da voz cândida da mãe que a criança entra no mundo letrado. Por mais que não conheça os padrões gramaticais ou não veja esse texto, é através das histórias e canções que ela percebe o ritmo e a cadência das palavras, reconhece sua pronúncia e amplia seu vocabulário verbal em preparação à aquisição da leitura e de um vocabulário lingüístico mais amplo e elaborado.

Quando as crianças são iniciadas na leitura com a audição de histórias, será muito mais fácil tomar gosto pelo texto, pois terão sempre em mente a alegria que é ouvir as histórias contadas no aconchego do colo de quem tanto amam. Esse primeiro contato literário além de ser o marco no seu provável gosto pela leitura, também será o “marco inicial de uma cultura (...) Os primeiros passos na formação moral, social e literária são as histórias infantis” (PAZOS, 2004:245).

Esses textos darão pistas à criança de quais são os comportamentos adequados para determinadas situações, mostrando-a o amor à bondade e a necessidade de se afastar do mal. Também fará com que ela tenha contato com culturas diversas com jeitos de pensar e agir diferentes daqueles aos quais está acostumada, ou ainda a introduzirá no mundo da fantasia, da imaginação e do riso por meio de histórias fantásticas e divertidas.

Também quando ouve histórias e igualmente entra em contato com o livro, faz inferências entre o que está sendo lido e o que está impresso, querendo saber qual a palavra que foi enfatizada na narração, associando o desenho a algum trecho, enfim, ela entra em contato com o texto escrito e com a estrutura das palavras, apesar de não ler de forma convencional. Ela ainda reconhece o título dos seus livros de maior interesse, tentando identificar nas letras que o formam aquilo que está escrito.

Dessa maneira é muito importante reconhecer a evolução do homem na aquisição das habilidades de leitura e escrita, a fim de entender como se dá a aprendizagem da criança em relação à sua compreensão da leitura e da escrita.

Como a leitura não tem nenhuma relação lógica com a escrita, por ser um produto sócio-cultural, faz-se necessário introduzir o infante no mundo da leitura, oportunizando o contato com os mais diversos tipos de textos, para que aprecie cada vez mais a audição a fim de que se torne um verdadeiro leitor. “É, nós lhe ensinamos tudo do livro (...) a tal ponto que ele tinha pressa em aprender a ler” (PENNAC, 1993:20). E o referido autor segue dizendo “que pedagogos éramos, quando não tínhamos a preocupação da pedagogia” (p.21).

Fazer a criança conhecer o texto pelo prazer de ouvir uma história bem contada é ganhar um leitor, quiçá para o resto da vida. Então ela chega à escola, onde as histórias não são mais contadas com o mesmo entusiasmo e prazer, onde a preocupação em dar conta do conteúdo supera a necessidade de ensinar, onde se acha que o vocabulário infantil é ampliado quanto mais atividades forem desenvolvidas, onde o prazer é pecado e merece seu castigo, onde a opinião da criança não é importante ou não significa nada (apesar de uma das funções da escola ser a de desenvolver um ser crítico, criativo e socialmente responsável). Onde está o texto na escola? Será que guardado dentro das salas de leitura empoeiradas e trancadas? Ou nas prateleiras das salas dos professores, intocáveis para que não se estraguem? Onde está o professor que bate do peito e proclama alto que ama a profissão e que faz tudo para que seu aluno aprenda?

Repetidas vezes a cena mais cruel ocorre na escola: o professor que está cansado de dar aula escolhe a turma de educação infantil a fim de relaxar, por ser um trabalho onde não há cobrança de aprendizagem por parte da sociedade e da escola, ou as turmas ficam aos professores recém-formados que pouco conhecem o trabalho em sala de aula. Quando a

escolha do professor é consciente e responsável por vezes seu trabalho é engessado pela falta de recursos materiais e pedagógicos, juntamente com um espaço físico pouco atraente. Daí não se entende porque a criança se desinteressou pela escola, se era isso que ela tanto queria antes de conhecê-la.

Então a “falta de relação com as atividades preferidas pelas crianças e o distanciamento do tipo de texto e assunto por ela preferido” (Revista do professor, 1996), efetiva a sua falta de interesse e envolvimento com a escola, chorando constantemente para ficar em casa com sua mãe. Até o material que o professor leva para a sala, em exercícios mimeografados desfavorece o interesse e não forma um bom leitor. Como prossegue a autora “tudo leva a crer que o problema enfrentado pelos professores é o da mecanização e do marasmo em que se transformou o ato de ler” (Ibidem p. 26).

Deve haver uma humanização da escola e uma sensibilização dos agentes que atuam nela, para que percebam as reais necessidades do aluno.

Todo professor que já trabalhou ou trabalha com a alfabetização sabe que, para a criança, a aquisição da leitura é um momento ímpar, onde ela dá significado afetivo ao que lê, mas que, por vezes, é sufocado pela insensibilidade do professor em perceber que é um momento único, o qual ficará registrado na memória pelo resto da sua vida. Que bom seria se o que fosse aprendido fosse reafirmado com uma bela história que aliviasse sua aflição ou confirmasse seu prazer.

“O que foi que fizemos daquele leitor ideal que ele era?” (PENNAC, 1993: 50). E quando a criança aprende a ler os pais se acham no direito de não precisar mais de contar histórias à ela e o desencanto se fortalece, e a escola se torna o bicho-papão que devora esse momento tão saboroso com seus pais. “O mais provável é que essa função seja delegada à televisão, o mais prático contador de histórias já inventado” (Revista do professor, 1994 p. 10). Nesse ponto a televisão faz o duplo papel: conta a história e cria a imagem, furtando da criança sua criatividade.

No início do manifesto do contador de histórias proposto por Cléo Busatto (2003), ela explica que “contar histórias é uma arte, pois sua matéria-prima é o imaterial” (p. 9). A mídia materializa a imagem, que nem sempre faz jus ao que se espera ou simplesmente limita a pessoa do ato de imaginar, tão salutar e necessário ao contato e intervenção na sociedade, pois favorece a maturidade e a ampliação do conhecimento.

“Aquilo que lemos de mais belo deve-se, quase sempre, a uma pessoa querida” (PENNAC, 1993: 84). Quando essa pessoa dá o livro a outrem para que leia, oferece-se igualmente à pessoa e no texto que recebeu busca a pessoa, para depois procurar o texto que geralmente a inebria. Por isso o livro não deve ser o castigo de quem está proibido de assistir televisão ou de jogar vídeo game, mas se esse castigo fosse uma boa história contada...

Todos falam “é preciso ler”, mas poucos se dão ao trabalho de parar, pois “o tempo para ler é sempre um tempo roubado (...) digamos à obrigação de viver” (Ibidem p. 118-119). É, segundo Pennac (1993) há “uma só condição para se reconciliar com a leitura: não pedir nada em troca” (p. 121). É o ler para nada, para matar o tempo, ler por ler. Aliás, o tempo é sempre uma boa justificativa de quem não quer ler, ou do professor que acha que só o programa é importante e suficiente.

Espontaneamente o aluno percorre o caminho que leva ao texto, ao autor, à época e aos múltiplos sentidos, fazendo releituras do material, quando encontra o estímulo correto no momento exato. Assim o leitor pode exercer seus direitos imprescindíveis, citados por Pennac (1993), buscando-os à medida que forem necessários ou apenas pelo capricho de se dar ao direito.

É importante ter sempre em mente que ouvir histórias não é um ato qualquer, mas um bom chamado de atenção do leitor ao texto, pois quem até hoje não se encanta com histórias bem contadas, que atire a primeira palavra.

## **2.2. A UNIVERSALIZAÇÃO DA LEITURA POR MEIO DOS CONTOS E DEMAIS GÊNEROS TEXTUAIS**

Os contos de fadas traduzem na sua mais profunda essência, os desejos, ansiedades, alegrias e dores sofridos pelos pequenos na infância. É difícil à criança verbalizar seus sentimentos e emoções, quer por não ter vocabulário suficiente, quer pela complexidade das experiências vividas.

Através dos contos de fadas as crianças rememoram suas experiências, projetando no personagem que lhes chama a atenção, compartilhando com ele seus sentimentos, anseios, preocupações e ações.

Isso facilita a aproximação da criança ao personagem e, por consequência, “encorajam seu desenvolvimento enquanto aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes” (BETTELHEIM, 1980).

A criança, como qualquer outra pessoa, sofre pressões do ID, do EGO e o SUPEREGO, embora não compreendam o que essas manifestações psicológicas significam em sua plenitude. O ID conduz a criança ao mundo do prazer e dos sentimentos primários que são inconscientemente reprimidos e repreendidos pelos adultos. Mesmo assim ela necessita (e deseja) manifestá-los a fim de que sua ansiedade e as pressões vividas sejam minimizadas, sejam nas relações familiares ou sociais.

O SUPEREGO proporcionará uma adequação através da interação com as pessoas, com a estruturação familiar à qual está sujeita, com os valores sociais que aprenderá para viver em sociedade, também com as qualidades (e defeitos) do seu grupo a fim de firmar relações de amizade, companheirismo e partilha.

Seu EGO está em mutação e desenvolver-se a partir das pressões do ID e do SUPEREGO. Uma boa válvula de escape a toda essa pressão é o conto, as cantigas de roda, os mitos que lhes são contados por suas mães. Elas, com sua voz doce e suave trazem-lhes ao aconchego do colo, conduzindo-os ao mundo da fantasia e dos sonhos, pois “você se encanta com os contos por que um dia se encantou com a voz da mãe” (BUSATTO, 2003:16), favorecendo o crescimento da criança em suas relações interpessoais, fazendo-a aprender a lidar com o outro e consigo mesma. “A criança necessita de sugestões em forma simbólica sobre a forma de como ela pode lidar com essas questões e crescer a salvo para a maturidade” (BETTELHEIM, 1980:15)

O conto de fadas também amplia a visão de mundo da criança e a faz Ter consciência do bem e do mal. Os personagens dessas histórias enfatizam o bem que é sempre belo a fim de que a criança o deseje e se identifique, e despreza o mal, apresentando-o de forma feia e repugnante.

Segundo Busatto (2003) “o conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano” (p. 37). Dessa

maneira o ato de contar histórias, apesar da descrença de alguns, aproxima a pessoa que ouve de valores e qualidades que propiciam a esta um bem estar e facilitam a entrada no mundo da imaginação e da fantasia de forma positiva e feliz.

De acordo com Abramovich (2005) os contos de fadas têm grande aceitação em qualquer meio, porque “partem de um problema vinculado à realidade”. Daí se desenvolvem na “busca de soluções no plano da fantasia, com introdução de elementos mágicos”, onde “a restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real” (p. 120), mostrando à criança o mundo da fantasia como minimização de seus problemas, a fim de que possa agir de com consciência e resolver seus problemas reais.

A criança moderna necessita dos heróis solitários, pois elas não crescem mais em famílias numerosas e, por vezes, sequer são acompanhadas por seus pais durante o dia, devido à necessidade que a mulher tem de trabalhar, tanto como realização pessoal como, acima de tudo, fonte extra de renda, necessária à manutenção do lar, ou ainda por que se encontram num novo contexto familiar, onde a mãe solteira (ou o pai) deve dar conta dos afazeres domésticos, da manutenção da casa e do afeto aos seus. Assim os pequenos se achegam ao herói que, solitário, parte para o mundo, mas “encontra lugares seguros, seguindo seu caminho com uma profunda confiança interior” (BETTELHEIM, 1980:19).

A beleza do conto está em fazer com que a criança perceba “que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade” (Ibidem p. 32), reafirmando, assim, que no mundo existem muitas situações e pessoas positivas.

Apesar do conto de fadas apresentar essa dimensão tão profunda também a mensagem de coragem, de força e de resistência, apesar dos insucessos iniciais, está presente em muitas fábulas, lendas e mitos. “A mensagem é efetiva quando apresentada não como uma moral ou solicitação, mas de um modo casual que indica que na vida é assim” (p. 42).

Pela necessidade da pessoa em explicar a origem de si e das coisas é que se desenvolveram essas formas literárias. Dessa maneira o que não se conseguia explicar ou não se reconhecia a origem, virava uma bela história que encantava a todos os ouvintes. “O mito nos aproxima daquela parcela divina que chamamos de espírito” (BUSATTO, 2003:33).



Mas a literatura infantil e juvenil, à medida que se passou o tempo, amadureceu e tomou formas que igualmente encantam, como a poesia, os textos de imagens, os quadrinhos e anedotas que continuam mostrando a face divertida e saborosa da literatura.

Os livros de imagens são ótimos recursos ao desenvolvimento da imaginação e da criatividade, pois ampliam o universo de interpretações. É uma história que pode ser lida rapidamente ou no deleite das horas, na percepção dos detalhes que enriquecem o texto. “Os desenhos vivos (...), as cores fortes (...) contam dum modo único suas histórias” (ABRAMOVICH, 2005:31). No Brasil, entre tantos é possível citar mestres que, com a batuta da musicalidade plástica estruturam textos espetaculares, como é o caso de Eva Furnari, Rogério Borges, Eliardo França entre outros que fazem desse órgão tão primário que é a visão em algo tão mais significativo e importante. Daí “talvez seja um jeito de não formar míopes mentais” (Ibidem p.33)

E o humor? Ah! Essa arma tão importante à vivência harmoniosa e feliz na sociedade moderna e solitária, onde se tem pouca ou nenhuma oportunidade dele. As pessoas estão freneticamente envolvidas na agitação do cotidiano e na mecanização dos afazeres que se esquecem de rir. Quer seja de si mesmas ou dos outros e das situações (mesmo que seja com o horário eleitoral, como cantam os ‘Engenheiros do Hawai’), faz-se necessário essa parada para cultivar esse sentimento tão humanamente prazeroso e saudável, e “nada como uma boa sacudidela criativa e cutucativa para fazer rir” (Idem p. 64).

Também a grande forma de brincar com as palavras é por meio da poesia. A musicalidade impressa no texto, seu ritmo, suas nuances criativas, fazem com que a pessoa que lê se torne mais criativa e irreverente, vivendo os sentimentos (quaisquer que sejam) de forma mais intensa e significativa. A poesia pode ser apresentada de diversas formas. No caso da poesia narrativa, apresenta melodia, cadência e rimas tão bem elaboradas que fazem do texto algo divertido e eficaz.

Saber selecionar os textos poéticos é o primeiro passo no alcance do desejo do estudante, pois as brincadeiras gráficas e os jogos de palavras afastam os preconceitos à esse tipo de produção textual, embora existam muitos materiais no mercado que desfavorecem o gosto ou subestimam a inteligência de quem os lê.

A poesia não pode ser apresentada de forma moralizante ou estritamente pedagógica, ou apenas valorizando o amor, o romance, o patriotismo, mas deve ter a surpresa, o duplo sentido, a magia de encantar e a beleza de envolver.

Já o gibi apresenta uma particularidade: ele mescla o texto escrito e a história a partir de imagens. Foi durante muito tempo criticado, sendo associado a pessoas agressivas e a leitores preguiçosos ou com reputação duvidosa, mas esse estereótipo foi afastado à medida que foram realizados estudos sobre o tema. Em 2001, numa pesquisa realizada pela Universidade de Brasília, constatou-se que “os alunos leitores de quadrinhos têm desempenho escolar melhor do que aqueles que usam apenas o livro didático” (Revista do Professor, 2005:22) e entre os alunos da 4ª série, da rede pública, estes tem o seu desempenho melhorado quase duas vezes mais.

Outras pesquisas realizadas nos mais diversos países identificam os quadrinhos como “fator importante na formação intelectual dos alunos” (Ibidem p. 22), pois eles abarcam a interação visual e verbal, onde uma completa e explica a outra. Dessa forma a criatividade não é podada, já que os gibis apresentam imagens, mas estas devem ser traduzidas em sua riqueza de detalhes e em sua expressão verbal concisa e criativa. Esse material tem a função de entreter, embora possa ser utilizado numa perspectiva pedagógica.

Assim existem várias vertentes capazes de convencer a criança do prazer que a leitura proporciona e da grande aventura que é viajar nas asas do texto.

### **2.3. DA LIBERDADE DO AUTOR À OPRESSÃO DA EDITORA: FATOR COMERCIAL DO LIVRO LITERÁRIO**

O texto encontra-se inserido num contexto social, “em práticas que são determinadas pelo meio cultural (...) e pelas necessidades práticas de comunicação” (GARCEZ, 2000:31). O autor também, como qualquer personagem social, sofre influência desse contexto o que marca sua obra e valoriza (ou não!) o seu texto, dando-lhe o status de obra reconhecida e comercial.

Quando a leitura era privilégio de poucos, o que se valorizava era a linguagem oral e os contadores de histórias tinham um alto prestígio. Com a invenção da imprensa e material impresso popularizou-se, criando-se a necessidade de se saber ler. Também depois da revolução industrial e da ascensão da Burguesia, surgiram o interesse e a necessidade de difundir a leitura, já que os princípios burgueses poderiam ser divulgados de forma ampla e eficaz, através da circulação de material sobre o tema.

A partir de então cresce o interesse do homem pela leitura e nesse contexto começou-se a ver na habilidade de ler a ascensão social, tão desejada pela plebe. As pessoas que a usavam tiveram mais consciência de que o conhecimento tornava-se um instrumento de transformação da sociedade. Embora a Burguesia não apreciasse essa postura do povo, ela necessitava uma mão-de-obra mais especializada, para trabalhar com máquinas, operando-as de forma correta e eficiente.

Assim viu-se a necessidade de criar ambientes em que a educação fosse de domínio público, já que, para se Ter melhores trabalhadores, era preciso que tivessem o mínimo de conhecimento. Daí surge a escola, mas essa iniciativa trouxe entraves, pois era um adulto para vários estudantes jovens. Assim “as salas de aula já nasceram hierárquicas, com ênfase na instrução direta, na cobrança, na fiscalização, na organização da aprendizagem de forma ameaçadora e constrangedora” (Ibidem p. 33). A educação seguia a linha behaviorista, vendo a aprendizagem como o resultado de estímulos.

A partir daí inicia-se o processo de afastamento do futuro leitor da leitura ou do seu desenvolvimento em plenitude, tornando-se apenas um decodificador de palavras e reduzindo seu processo de interpretação e inferência nesse material. É claro que “a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola” (LAJOLO, 1994:12), embora a escola seja um lugar privilegiado de contato com o livro. Essa busca não se encerra aí, mas as leituras feitas nesse ambiente devem favorecer o crescimento pessoal, a ampliação da visão de mundo por parte do leitor e a interação com mais confiança e eficácia nas discussões e decisões da sociedade.

Certamente esse não era o desejo da sociedade burguesa emergente, mas foram nesses moldes que a escola foi criada, vista apenas como mais um suporte massificante e alienante das camadas desfavorecidas que, apesar do desenvolvimento da burguesia e da

luta pela “igualdade, liberdade e fraternidade”, difundidas pela revolução francesa que esse lema não passava de uma fachada.

É a partir desses e de outros fatos históricos que a literatura infantil e juvenil começa a se desenvolver e a ser reconhecida como verdadeiramente literária e inicia sua difusão, já que a escola estava voltada para esse público. No primeiro momento são vinculados as fábulas e os histórias maravilhosas de Charles Perrault (1628-1703), onde “seus personagens usam atributos da inteligência e perspicácia para vencer a força bruta e os poderosos” (PAZOS, 2004:249). Ele introduziu os desprivilegiados nos salões.

Entre 1785 a 1863 viveram os irmãos Grimm. Sendo professores tinham por objetivo “recuperar a realidade histórica nacional” (p. 250) alemã. Realizaram uma pesquisa que abarcava “o levantamento dos elementos lingüísticos para fundamentação do estudo sobre a língua alemã e a fixação de elementos do folclore literário germânico como expressão da cultura do povo” (p. 251). Seus contos eram estruturados com uma problemática simples com um núcleo dramático para uma compreensão imediata.

Já Hans Christian Andersen (1805-1875) viveu uma infância pobre na Dinamarca que marcou seus contos. Também nas encenações que o pai fazia para abrandar a vida dura que levavam ajudaram a caracterizar a sua literatura com impressões do cotidiano, busca dos valores e do comportamento cristão.

Essas histórias foram de grande aceitação entre os alunos, tal sedução que até hoje exercem apesar de, na escola, Ter tomado cunho pedagógico e didático, que até hoje sobrevive às ações do tempo e às mudanças na visão pedagógica de educar, pois “ou um texto dá sentido ao mundo ou não tem sentido nenhum. E o mesmo pode se dizer de nossas aulas” (LAJOLO, 1994: 14) e se não for assim, a criança e o jovem perdem o desejo por este material e o professor torna-se alguém frustrado, querendo que o livro mostre seu poder de transformação a alguém que não é capaz nem de mudar o próprio ambiente quiçá sua são de mundo.

Segundo Lúcia Pimentel Góes (1991) a literatura pode apresentar três defeitos gravíssimos: o tom moralizador onde sempre a virtude é recompensada e o vício é castigado; a puerilidade, onde o autor força o diminutivo, o tom adocicado, a falsa simplicidade e a artificialização dos diálogos; e o terceiro é o didatismo que insiste em perseguir o trabalho do professor com ensinamentos cansativos, monótonos, disfarçados

como recreativos. Tudo isso mata o texto, causando desconforto e críticas das crianças que apreciam e reconhecem a boa literatura.

A autora segue o texto apresentando o lugar privilegiado da literatura infantil que mescla o encontro de duas artes: a palavra e a forma, onde o texto revela a imagem e a imagem revela o texto. Nesse sentido a literatura abarca todos os gostos e desejos, comunicando a fertilidade da leitura e sua mobilidade da fantasia de quem a cria.

Mesmo assim, esbarra-se em dois grandes problemas que se tornam entraves no processo de ampliação do mundo e no acesso ao livro por todas as pessoas: a editora e o sistema educacional vigente no Brasil. Como se percebe que é rentável produzir livros de literatura infantil, pois ela tem um público cativo e fiel que consome e professores que muitas vezes incentivam, esse mercado está sempre em contínua expansão. Também como todo escritor precisa se manter e muitos vivem do material que produzem, se sujeitam a todo tipo de pedido das editoras que, nem sempre, buscam a qualidade, mas apenas o tema do momento ou uma necessidade escolar.

Lajolo (1994) apresenta na voz de Monteiro Lobato, a ansiedade de muitos escritores que, por necessidade, produzem a pedido da editora, restringindo seu campo de visão e sua linguagem aos ditames de outros. Essa atividade é vista como algo rentável e, por isso, procurada por jornalistas, professores, entre outros.

Até mesmo o que é escolhido para vincular nas escolas públicas, por mais que sejam da mesma editora e com o mesmo título, é apresentado de forma diferenciada nas escolas particulares, quer seja numa folha de melhor qualidade, ou numa encadernação melhor ou ainda no conteúdo que se apresenta mais bem desenvolvido, contendo mais atividades e histórias, no caso, por exemplo, do livro didático.

Ainda se tem a visão de que por ser destinado a pessoas de baixa renda, pode ser inferior, pois estas não tem o mesmo senso estético das outras. Os livros de literatura disponíveis e distribuídos às escolas públicas por meio do FNDE (Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação) chega às prateleiras dessas bibliotecas e salas de leitura sem desenhos ou quando os tem são poucos, de baixa expressão estética e sem o colorido que atrai os olhares das pessoas aos quais são destinados.

Quando se retoma a questão dos livros de histórias vinculados pelas editoras, ou se tem um livro barato e de baixíssima qualidade e com histórias extremamente resumidas as

quais perdem até o seu teor literário, de encadernação e lustração pouco atraentes, ou se chega a um livro de literatura e plástica incontestáveis, mas de valor financeiro elevado, o que dificulta o acesso a esse material, o que o torna um produto aviltado pelas famílias de baixa renda.

Dessa forma o livro nas suas mais diversas versões se populariza, se estiver próximo das mãos (e dos olhos) do aluno da escola pública, potencializando-o para que, tanto agora, como no futuro, possa fazer escolhas conscientes e que verdadeiramente ampliem sua percepção e apure seu paladar literário.

#### **2.4. FALTA DE POLÍTICAS PÚBLICAS CONTÍNUAS QUE FAVOREÇAM A DIVULGAÇÃO E ACESSO AO LIVRO LITERÁRIO**

No Brasil se desenvolvem muitos programas que procuram ratificar as desigualdades sociais e culturais por meio da educação e do amparo ao aluno. Dentre elas pode-se citar o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), que distribui livros literários, paradidáticos, dicionários entre outros aos alunos da Rede Pública; o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), que foi ampliado ao Ensino Médio; o FUNDEF (Fundo Nacional de Desenvolvimento do Ensino Fundamental) que foi ampliado este ano para atender a todo o Ensino Fundamental, inclusive os alunos de 6 anos que, agora, fazem parte dessa modalidade de ensino.

Essa são algumas das diversas iniciativas do Governo Federal que, por vezes, tem suas verbas desviadas, mal administradas ou simplesmente ampliadas apenas quando das eleições, o que dificulta que os programas funcionem como deveriam. Como afirma Cagliari (1995) “ao comparar o barracão ou prédio mal conservado onde funciona sua escola e a agência bancária em granito e vidro fumê, logo se distingue o valor do dinheiro e o valor da educação neste país” (p. 12).

Muitas vezes as políticas públicas que são voltadas para o povo oferecem apenas paliativos que não asseguram uma educação de qualidade, massificando a classe operária e reafirmando sua posição de marginalizados.

Também como aborda Magda Soares (2002) que, na visão de quem governa, a educação recebe pouca ênfase e poucos recursos, sem uma sistematização na cobrança das verbas que devem ser ampliadas, obtendo percentuais mais baixos do que é exigido por lei aos estados e municípios e uma cobrança pouco efetiva do Governo Federal. Há uma preocupação excessiva com o aspecto quantitativo já que, estatisticamente, o Brasil necessita de números positivos, a fim de se respaldar e convencer os sozinhos latino-americanos de que se preocupa com a educação e pouco se pensa no aspecto qualitativo, na instituição e no diferencial que ela pode fazer quando favorecida pelos recursos vem distribuídos e bem administrados.

Ela segue apresentando a questão de já se haver uma escola contra o povo do que para o povo, pois a estrutura na qual foi construída a escola, favorece a burguesia, porque valoriza seu dialeto culto, hábitos e costumes e despreza o que de natural e próprio a criança de baixa renda traz para a escola.

Ainda hoje se valoriza excessivamente, mesmo com o eco de sociólogos e sociolinguistas, a língua denominada culta, julgando tudo que não seja isso como errado ou que não presta. Dessa forma não se buscam definições e mudanças que acontecem na língua nas diversas sociedades que são insufladas por diferentes falares, advindos de lugares e culturas diferentes.

Ela apresenta estatísticas aterrorizantes sobre a educação no Brasil, onde, por exemplo, cerca da metade da população entre 7 e 14 anos não está na escola. E mesmo quando estão são massacradas por programas sociais que não favorecem seu desenvolvimento e dificultam sua permanência no ambiente escolar. Também são disseminadas ideologias que prejudicam o desenvolvimento do aluno e acentuam a justificativa de que o pobre não consegue aprender, como a ideologia do dom (que só consegue quem já tem essa pré-disposição), a ideologia da deficiência cultural (onde quem não fala a língua culta não tem cultura) e a ideologia das diferenças culturais (altamente preconceituosa e taxativa).

Iniciativas do Governo Federal do Distrito Federal e oferecer a cada escola um determinado valor para a compra de livros literários e paradidáticos na Feira do Livro de Brasília, que ocorre no Shopping Pátio Brasil além de favorecer a aquisição de um material de qualidade, desenvolve o gosto dos alunos pela leitura, deixando-os em contato com as editoras para que possam avaliar com consciência o produto que estão adquirindo, ainda proporciona que estes estabeleçam relações de consumidor consciente e responsável, já que são eles que fazem as compras com um dinheiro sem valor que pode ser vinculado na feira. São iniciativas iguais a essa que aproximam o leitor do texto, pois faz o aluno escolher com segurança a obra que deseja ler e a avaliar o material literário disponível no mercado. Também oferece ares de cidadania às suas escolhas, apesar do direcionamento do professor.

São cada vez mais necessárias serem desenvolvidas iniciativas como essas que se perpetuam entre as escolas e não com posturas politiqueiras e eleitoreiras. Orientando e fazendo o aluno percorrer o mundo plural da literatura será possível conduzi-lo a uma percepção mais clara e a uma ação mais consciente, feliz e cidadã.



### III. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

A turma estudada apresenta um aluno com hemiplegia no lado esquerdo, onde a classe foi reduzida de 35 para 28 alunos, a fim de melhorar o atendimento ao deficiente. Eles se apresentam na faixa etária entre 9 e 16 anos, sendo metade da turma composta por meninas e a outra por meninos. Os alunos apresentam comportamento discriminatório e separatista uns com os outros, preferindo isolar-se a se permitirem conhecer e crescer uns com os outros. Agridem-se verbalmente com uma frequência espantosa, o que dificulta a relação entre si e com a professora que necessita chamar-lhes a atenção constantemente. Apesar disso são solícitos e apreciam participar de teatros e brincadeiras (onde o contato físico seja restrito) e desejam ler em voz alta para os colegas os textos trabalhados em sala, chegando até a brigarem por isso.

Apesar disso demonstraram aversão ao livro de uma forma muito radical. Então a professora preferiu lhes a apresentar o texto e o livro de uma forma mais irreverente, sem a cobrança direta de ler. Ela levou para a sala de aula três sacolas que foram destinadas à escola para as turmas do B.I.A. (Bloco Inicial de Alfabetização), implantado na Ceilândia no ano de 2005, onde se encontram vários livros com diversos tipos de textos. Quando a professora chegou com as sacolas houve em sala um “Ahhh!”, de decepção e um dos alunos concluiu a opinião dos alunos com a seguinte frase: “Já vamos ter que ler livros?”, mas a atividade proposta foi de, em grupos, construir alguma coisa com o livro. A primeira reação dos alunos foi de espanto, pois não conseguiam acreditar no que a professora estava propondo, já que todos os professores anteriores não haviam proposto. Outro aluno continuou com uma frase muito ouvida na escola: “Ué, mas não devemos ter cuidado com o livro?”. A professora confirmou e pediu que tivessem o cuidado de não rasgar os livros com as construções, mas que deveriam criar algum objeto com eles. Quando eles se dispuseram e acreditaram na proposta de trabalho fizeram casas, prédios, garagens. Uma aluna recolheu alguns livros onde encontrou fotos das torres gêmeas, de um dinossauro, uma estátua de Sócrates e abriu os livros nessas páginas, informando a quem ia ver sua construção que havia feito um museu. A atividade foi bastante agradável, mas foi possível perceber um certo desconforto por parte de alguns alunos que não conseguiram realizar a

atividade, pois estavam com receio de manusear o material daquela forma. Essa foi a introdução para a professora lhes apresentar o texto da Lígia Bojunga, datado de 1982, em comemoração ao dia nacional da literatura infantil (segue em anexo). A partir dele os alunos responderam a um questionário com dez questões subjetivas e de cunho pessoal e familiar sobre o uso do livro.

Mediante esse instrumento a professora direcionou o trabalho iniciando com a explicação da estrutura dos textos de leitura visual da Eva Furnari e do Rogério Borges, onde com irreverência e bom humor os alunos, em grupos, criaram um texto para os desenhos apresentados nos livros e apresentaram de forma teatral aos demais. Após, os alunos viram em transparências o livro “Ritinha Bonitinha” de Eva Furnari, e agora, em forma de texto escrito, desenvolveram a leitura dos desenhos.

Em virtude da comemoração da Páscoa todos os alunos da escola foram convidados a assistir ao teatro de fantoches com a história da “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado. A professora, em sala, aproveitou o texto para trabalhar as questões sobre o preconceito racial e a discriminação, onde os alunos continuaram a história a partir do passeio da coelha preta e do comentário sobre a sua cor.

Em outro momento a escola recebeu duas madrinhas que eram duas professoras vestidas de fadas que, encenando uma adaptação da história d’ “A fada que tinha idéias”, reconstruíram o texto através das ilustrações, onde lhes foi explicado qual era a função e a importância do ilustrador na produção da história.

Após algum tempo foi mostrado aos alunos o livro da “Chapeuzinho Amarelo”, onde a professora questionou do que eles se lembravam a partir daquele livro e todos responderam que era da história da “Chapeuzinho Vermelho”. Eles foram convidados a relembrar a história, recontando-a e, em seguida, a professora apresentou-lhes o figurino da história e a proposta de quem queriam encená-la aos demais. Ouve uma apresentação e a professora perguntou se mais algum grupo queria apresentar e muitos quiseram, mas um dos alunos pediu a palavra e disse: “Por que não fazemos outro texto, com os mesmos personagens da história, dando a ela outro final?”. A idéia foi acatada pelo grupo e eles reconstruíram o texto da Chapeuzinho onde o lobo matava o caçador que foi ajudar a Chapeuzinho e só foi morto por um grupo de caçadores que fizeram um churrasco com a carne dele. Em seguida foi questionado o medo da menina que na verdade os alunos

perceberam que o medo era da mãe dela de que a Chapeuzinho Vermelho, na sua ingenuidade fosse enganada pelo lobo. Daí os alunos ouviram a história da Chapeuzinho Amarelo e foram questionados oralmente em relação aos seus medos. A partir disso todos desenharam o que tinham medo e foram convidados a escrever o medo e a reconstruir uma outra palavra que deixasse o medo mais divertido. Para finalizar os alunos redigiram um texto sobre seus medos e como iriam resolvê-los, ou escreveram sobre uma situação ocorrida, onde tiveram muito medo.

Por ocasião do estudo sobre o tempo na disciplina de história, da copa do mundo e das lições do PROERD (Programa Escolar de Resistência às Drogas e à Violência), foram lidos, apenas pelo simples prazer de ouvir uma história, os livros “Bisa Bia, Bisa Bel”, “O gênio do Crime” (em andamento) e “A Droga da Obediência”, em que foi (e está sendo) um grande deleite ouvir uma leitura gostosa e interessante.

Os textos e livros continuarão sendo apresentados à turma, cada vez ampliando mais o seu uso e o seu tamanho, a fim de que, gradativamente, os alunos leiam textos melhor elaborados e ampliem a variedade textual para que tenham contato com os vários tipos, podendo escolher com mais segurança e conhecimento os textos que lhes agradam. Nesse segundo momento a turma fará uma visita à sala de leitura e constatará os livros que se encontram nela e darão continuidade à leitura e ao contato com o material escrito, pegando-os emprestado no momento da aula destinado à visita da 4ª série.

#### **IV. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

As perguntas do questionário foram construídas para que fosse possível perceber a falha no interesse dos alunos em relação aos textos lidos e o que foi constatado foi justamente o contrário do que eles diziam: a partir de suas respostas tornou-se perceptível o gosto dos alunos pela leitura de vários gêneros textuais, sobretudo dos gibis e de histórias de terror. Na verdade o questionário confirmou o estudo realizado. O problema não está no aluno que não aprecia a leitura, mas este não gosta do jeito como ela é apresentada pela escola, que por vezes acontece de forma punitiva, para preencher o tempo livre do aluno, para não desenvolver uma atividade que seja mais dispendiosa ou simplesmente para os alunos ficarem calados.

A partir do trabalho realizado com os alunos percebeu-se que quando o texto literário é apresentado de outras formas, que sejam irreverentes, dentro de um contexto onde eles percebam o texto mais como prazer do que como propriamente uma leitura, isso torna o aluno mais receptível e menos resistente, deixando de sentir o livro como algo doloroso e difícil.

A posição dos alunos confirma que eles teriam mais gosto pela leitura se existissem programas continuados de distribuição do livro literário aos mais carentes, se as políticas públicas favorecem que o aluno permanecesse numa escola de qualidade e com recursos que os estimulassem a continuar na escola, se os professores percebessem o quanto fazem mal aos alunos quando tratam o texto como apenas mais uma parte de um currículo que precisa ser vencido para que o estudante seja promovido (ou não!) para a série seguinte sem a pressão dos dados estatísticos, que desejam números e não uma aprendizagem efetiva, da família que se interessasse mais pela construção do conhecimento junto com seu filho e não delegasse o contato com o texto apenas à escola, se os livros fossem mais acessíveis financeiramente e estes tivessem boa qualidade, se o professor fosse valorizado e estimulado a trabalhar com mais prazer e com mais qualidade pedagógica e administrativa.

É possível perceber que, dessa forma, a educação iria alcançar patamares mais elevados e o Brasil seria mais respeitado e melhor visto pelos outros países, quiçá sendo até uma vitrine para que todos valorizassem mais a educação e o conhecimento.

## **V. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho foi muito proveitoso, tanto para os alunos quanto para a professora. Para os alunos foi um grande estímulo à leitura, pois, através das atividades desenvolvidas os alunos se tornaram mais solícitos em relação à leitura e ao livro e redescobriram o prazer de ouvir histórias. Também a professora que teve que obter outras formas de convencer os alunos que ler é uma forma de prazer e de relaxamento.

Percebe-se que as escolas ainda não estão preparadas para resgatar o prazer da leitura, ou por não ter textos de tão boa qualidade que desperte no aluno o gosto pela leitura, ou por não ter espaços adequados para essa atividade, ou por não contar com profissionais que desejem buscar formas alternativas para melhorar suas aulas, ou pela escola não ter subsídio para o professor se aprofundar e ter material de estudo específico para suas necessidades, ou por outros fins descritos nesse material.

Faz-se necessário, dentro da comunidade escolar, desenvolver projetos de leitura que continuem nos anos seguintes para que não sejam apenas iniciativas sem fundamento ou para agradar a coordenação e a direção da escola e que se amplie as verbas para educação e que os programas do Governo Federal seja mais contínuos para se tornarem mais eficazes.

Também é possível favorecer uma troca de experiências maior entre os professores e que se façam estudos mais efetivos e contínuos para que o professor perceba posturas que deram certo, podendo fazer adaptações ao seu trabalho em sala de aula e a fim de que incremente seu trabalho, tomando uma postura mais madura em relação ao currículo e às justificativas que apresenta ao desenvolvimento de um trabalho eficaz e responsável.

## VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 8 ed. São Paulo: Scipione, 1995.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Educação em língua materna III**: alfabetização e leitura in Módulo III do PIE – Curso de Pedagogia para Professores em exercício no início de Escolarização em Convênio com a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasília: UnB, 2001.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

PAZOS, Vanda Inês da Silva. **Literatura infanto-juvenil** in Aprendendo a aprender v. 10. Brasília: UniCEUB, 2004.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 4 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 17 ed. São Paulo: Ática, 2000.